



Dossiê

Volume 9 - Número 20
TEMÁTICAS LIVRESdoi: [10.25247/paralellus.2018.v9n20.p185-197](https://doi.org/10.25247/paralellus.2018.v9n20.p185-197)

FUNDAMENTOS DA ECLESIOLOGIA DE FRANCISCO

FOUNDATIONS OF THE ECCLESIOLOGY OF FRANCIS

*Paulo Franco Taitson***Aurea Marin Burocchi**

RESUMO

Este artigo versa sobre a eclesiologia do Papa Francisco, abordando alguns aspectos fundamentais: o redimensionamento da visão da Igreja de centralizada a localizada hierarquicamente; a recuperação da importância da centralidade da pessoa, ensinamento bimilenar da Doutrina Social da Igreja; o estímulo à “saída” das sacristias e templos em direção ao mundo e ao ser humano, na alegria missionária; e, concluindo, a constatação do paradigma trinitário no discurso e no modo de agir do Papa Francisco. Elementos fortes disso são: a “saída”, como provocação para uma Igreja missionária e voltada pra o outro; a pobreza, sinal inequívoco do seguimento de Cristo na atenção aos mais necessitados e como forma de valorização do essencial, em respeito ao outro e à natureza; a alegria, sinal do advento do Reino entre aqueles que vivem a fraternidade.

Palavras-chave: Francisco; Igreja; Trindade; Missão; Teologia.

ABSTRACT

This article deals with the ecclesiology of Pope Francis, addressing some fundamental aspects: the resizing of the Church's vision from centralized to hierarchically located; the

* Pós-Doutorado pela UFRGS. Diácono Permanente na Arquidiocese de Belo Horizonte e Professor Adjunto IV da PUC Minas na graduação e pós-graduação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8826076094360364>. E-mail: taitson@pucminas.br.

* Doutorado e Pós-Doutorado pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). Professora do ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino – BH) e da PUC Minas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9438353616602949>. E-mail: aureamarin@gmail.com.



recovery of the importance of the centrality of the person, bimilennar teaching of the Social Doctrine of the Church; the encouragement to "exit" the sacristies and temples towards the world and the human being in missionary joy; and, concluding, the confirmation of the trinitarian paradigm in the speech and in the way of acting of the Pope Francisco. Strong elements of this are: the "exit" as a provocation for one missionary Church and facing the other; poverty, an unmistakable sign of the following of Christ in the attention of the most needy and as a way of valuing the essential, in respect to the other and to nature; the joy, sign of the advent of the Kingdom among those who live the fraternity.

Key words: Pope Francis; Church; Trinity; Mission; Theology.

INTRODUÇÃO

Dia 19 de abril de 2005, o cardeal Joseph Aloisius Ratzinger, é eleito Romano Pontífice da Igreja Católica e bispo de Roma, sucedendo o carismático João Paulo II, que pontificou por quase 28 anos. O Papa alemão assumiu o nome de Bento XVI, governando a Igreja por 8 anos. Oficializou sua abdicação no dia 28 de fevereiro de 2013, aos 85 anos, tornando-se o Papa Emérito. Sua atitude foi comemorada e criticada, ao mesmo tempo, por eclesiásticos e leigos. Não se pode negar sua coragem em, talvez, dar início a um costume entre os pontífices: a renúncia¹.

Seu sucessor foi eleito no dia 13 de março de 2013. No final da tarde a fumaça branca na chaminé do Vaticano anunciava a eleição do novo Papa. Outra grande novidade na Igreja: o primeiro papa latino-americano na história e o primeiro não europeu há muitos séculos, Jorge Mario Bergoglio, arcebispo e cardeal de Bueno Aires².

É o primeiro Papa nascido no Novo Mundo, o primeiro latino-americano, o primeiro pontífice do hemisfério sul, o primeiro Pontífice a utilizar o nome de Francisco, o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos e também o primeiro Papa jesuíta da história.

Pela primeira vez, um cardeal escolhe o nome Francisco. Um nome especial pelo que passa para a igreja de mensagem de simplicidade e de abertura para o mundo. Mostra primeiro, Francisco de Assis (? 1182-3/10/1226 Itália). Aquela reforma da Igreja que,

1 Na Igreja Católica Romana foi costume que um Papa só abandonasse a sede de Pedro ao morrer. Outros já haviam renunciado, mas foram poucos: 9 ou 10, baseado no artigo de John W. O'Malley: <https://www.americamagazine.org/media/podcasts/popes-who-quit>, acessado em 11 dez. 2017.

2 O último papa não europeu foi o sírio Gregório III (731-741), reconhecido como santo.



durante a Idade Média, partiu do evangelho, da espiritualidade. Embora a palavra-chave para a espiritualidade de Francisco fosse a palavra fraternidade, ele sempre amou e viveu em companhia de *Madonna Povertà*³. E a segunda figura de Francisco é a da tradição dos jesuítas, que é Francisco Xavier (07/04/1506 – Espanha a 03/12/1552 – China), o grande evangelizador. Chegou até a China.

Fraternidade e evangelização; Francisco de Assis e Francisco Xavier. São Francisco de Assis, um símbolo da humildade. São Francisco Xavier, um símbolo da força da capacidade de proclamar a Palavra da Igreja no Oriente, de tal forma que se tornou o patrono das missões junto com Santa Terezinha do Menino Jesus. O novo papa terá que aliar essas duas qualidades (Lima & Silva, 2014, p. 407).

1. SER O BISPO DE ROMA: REDIMENSIONAMENTO DA VISÃO CENTRALIZADORA DA IGREJA

Dentre as várias “novidades” introduzidas pelo novo Pontífice, está uma que já foi, na bimilenar história da Igreja, motivo de incompreensões, de desavenças, má interpretações e até mesmo um grande cisma: o de 1054 que, até o ano de 1965 manteve separadas as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Somente depois do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras levantaram as recíprocas excomunhões. Na ocasião, ao aparecer na sacada da janela do Vaticano para se mostrar ao povo, o novo papa afirma, em italiano, ser “o bispo de Roma” e convida:

Começamos este caminho: bispo e povo. O caminho da Igreja de Roma, que é a que preside, na caridade todas as Igrejas. Um caminho de fraternidade e amor e confiança entre nós. Rezemos sempre por nós, uns pelos outros, rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade. (FRANCISCO, 2013)

Francisco convida os cerca de 1,2 bilhão de católicos do mundo a “empreender um caminho de fraternidade, de amor” e de “evangelização” e, no final do pronunciamento pede humildemente: “Rezem por mim”. O hábito de pedir orações para si será uma constante nos discursos do novo Papa.

³ Do italiano: Senhora Pobreza.



A partir do momento da sua apresentação na janela, outro refrão será repetido: “sou o bispo de Roma”, em italiano. É o fim dos pronunciamentos em dezenas de línguas como o fazia, admiravelmente, João Paulo II. Está reafirmada a tradição da Igreja dos primeiros séculos: o bispo de Roma é *primus inter pares*⁴. O Papa é o Bispo de Roma e o seu primado é exercido **com** os outros bispos e não **sobre** eles e, às vezes, como narra a história, **contra** eles. Seus pronunciamentos levam em conta as necessidades pastorais, no respeito à subsidiariedade (Simões e Ferreira, 2015, p. 76).

Essa subsidiariedade é balizada pela autonomia particular de cada ordinário das Igrejas Particulares, o que dá a sensação de uma “liberdade” que nunca se viu na Igreja Católica Romana, mas à qual sempre se aspirou, dando a possibilidade de cada Diocese caminhar com seu Bispo, sem a necessidade de uma estreita vigilância da Cúria Romana.

Ao colocar Igreja e povo lado a lado, o Papa dá uma nova significância ao seu pontificado: enxerga a cátedra de Roma como algo que redimensiona a Igreja em todas as suas ações e escalões hierárquicos. Na solene Santa Missa de inauguração do seu Pontificado, na Festa de São José, Esposo da Virgem Maria, Francisco afirmou: “O verdadeiro poder é o serviço”! Para a alegria de milhares de pessoas, reunidas na Praça de São Pedro, na manhã do dia 19, uma terça-feira, Francisco passou de papamóvel entre os fiéis, antes da celebração Eucarística de início do seu ministério petrino. O Santo Padre chegou a descer do papamóvel para cumprimentar alguns fiéis.

Em suas homilias é comum, após citar as passagens evangélicas sobre a figura de São José, Padroeiro da Igreja Universal, o Santo Padre explicar o significado do ministério do Bispo de Roma: “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço; o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais no prisma daquele serviço que tem seu vértice luminoso na Cruz de Jesus”.

4 Do latim: “primeiro entre seus pares”, “título” honorífico ligado à sede de Pedro e seus sucessores que merece um estudo a parte.



2. RECUPERAR A IMPORTÂNCIA DA CENTRALIDADE DA PESSOA: DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Fiel à tradição da Igreja, Papa Francisco está sempre atento à valorização da centralidade da pessoa. Cada pessoa adquire um lugar especial na Igreja para Francisco, com as suas particularidades, as suas necessidades, os seus pecados e as suas virtudes. Não é alguém que ignore as zonas sombrias do ser humano, mas convoca à conversão com a simplicidade que lhe é peculiar. Exemplo disso são os pronunciamentos a respeito de questões morais controversas dentro da própria Igreja. Por exemplo, a declaração que fez, na viagem ao Brasil, sobre os gays: “Quem sou eu para julgar?”. Também as orientações pastorais para casais de segunda união, tanto em respostas pessoais quanto na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*⁵.

Além disso, vemos o seu empenho na difícil e triste realidade dos refugiados e migrantes, na Europa e no mundo: “Desejo expressar a minha solidariedade com os migrantes, e dou graças a todos aqueles que os ajudam: acolher o outro é acolher Deus em pessoa”, em mensagem publicada na rede social *Twitter*.

Todas essas manifestações nascem da convicção de que Deus é Pai misericordioso, que o Pontífice não cansa de repetir. Para celebrar essa verdade, Papa Francisco proclama um jubileu extraordinário: o Ano Santo da Misericórdia, de 8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016⁶. Para ele, a acolhida, mesmo do pecador mais contumaz, deve ser sempre garantida na comunidade cristã: “a misericórdia não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho. Tudo se revela na misericórdia; tudo se compendia no amor misericordioso do Pai” (MMi n° 1). Isso se justifica porque Deus mesmo, o Pai misericordioso acolhe cada pecador do jeito que é:

Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece

5 Esta Exortação Apostólica do Papa Francisco, de 08-04-2016, traz o resultado dos trabalhos do Sínodo da Família que se estendeu por praticamente dois anos.

6 O ano Santo da Misericórdia foi proclamado com a Bula *Misericordiae Vultus* de 11-04-2015 e encerra com a Carta Apostólica *Misericordia et Misera* (MMi) de 20-11-2016.



sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido. Por isso, não podemos correr o risco de nos opor à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa. (MMi n° 2)

Suas palavras se tornam muito concretas quando acolhe refugiados sírios no Vaticano ou quando, em abril de 2017, o pontífice abre uma lavanderia para atender aos moradores de rua, dirigida por voluntários. Porque, segundo ele, é necessário dar dignidade aos pobres. “Podemos olhar para um sem-teto como uma pessoa ou como se fosse um cachorro” (ACI, 2017), com estas palavras, Papa Francisco afirma a necessidade de acolher e ajudar os necessitados, lembrando que a verdadeira ajuda não é “dar aos pobres somente uns trocados”, mas que “é importante o gesto, ajudar quem pede e olhá-lo nos olhos, tocar suas mãos. Lançar o dinheiro e não olhar nos olhos não é um gesto cristão”. Na teologia latino-americana os pobres estão contemplados não como apêndice e nem ocupam o último lugar, eles são o prolongamento do próprio Cristo, o que fizerdes ao menor dos meus irmãos a mim o fazeis (Boareto, 2017, p. 7).

A caridade, entretanto, não deve ser entendida somente como um gesto de quem tem para quem precisa. É necessária a consciência de que todos nós somos necessitados: “Educar para a caridade não é descarregar as próprias culpas, mas é tocar, olhar para uma miséria que tenho dentro e que o Senhor entende e salva, pois todos nós temos misérias dentro”. Todos têm algo a partilhar. Nada é pequeno demais, por isso: “Sempre que possível dê um sorriso a um estranho na rua. Pode ser o único gesto de amor que ele verá no dia”.

Nesse sentido, afirma, sempre que pode, que quer “uma Igreja pobre e dos pobres”. Uma igreja “em saída”, que saia das sacristias e entre em diálogo com o mundo, que esteja aberta às suas necessidades. Diante da incompreensão de alguns setores eclesiais, o Pontífice afirma: “É estranho, mas quando falo sobre estas coisas, para alguns parece que o Papa é comunista. Não se entende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho.” Lembra que terra, casa e trabalho são “direitos sagrados”, “é a Doutrina social da Igreja”, aos falar para os movimentos sociais no Vaticano (FRANCISCO, 2014; TFOUNI & PEREIRA, 2016, p. 19).



Conhecendo o coração humano, afirma sem pudores: “Não devemos ter medo da bondade e da ternura.” (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2013).

Alerta para “o único risco do mundo atual é a tristeza individualista que brota do coração mesquinho”, convidando a todos a saírem do próprio comodismo e se envolverem com as realidades de sofrimento do mundo. Uma Igreja jovem, com os jovens, a quem pede que sejam “revolucionários”, como o fez na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em 2013.

Francisco, dessa forma, mostra uma clara aplicação da mensagem do Evangelho à realidade social. **A função da Doutrina Social da Igreja é o anúncio de uma visão global do homem e da humanidade e a denúncia do pecado de injustiça e de violência que, de vários modos, atravessa a sociedade.** A Igreja, desde as primeiras comunidades sempre se preocupou com os mais necessitados. Durante os primeiros séculos foi fundamental a ação dos cristãos nas sociedades tanto do Oriente quanto do Ocidente. Porém, é no final do séc. XIX, com a triste realidade da rápida urbanização e do desenvolvimento industrial, que a tradição da Doutrina Social da Igreja é retomada por Leão XIII (02/03/1810 a 20/07/1903 – Itália) ao promulgar a Encíclica *Rerum Novarum* no dia 15 de maio de 1891, tomando uma clara posição em relação à situação dos operários de então.

Mediante suas manifestações, o atual pontífice vislumbra as consequências práticas da moral social da Igreja na sociedade, ou seja, definição que é dever do estado em reduzir ou eliminar as injustiças sociais quer mediante uma legislação que respeite os direitos de todos quer mediante uma política social. O reconhecimento do direito dos trabalhadores de associar-se para defesa de seus direitos e a proteção de seus interesses ameaçados pelos setores econômicos mais poderosos.

Aliado ao desejo de que os mais necessitados sejam respeitados e em vista do bem de todos, especialmente dos mais pobres, Francisco escreveu a Carta Encíclica *Laudato Si'*⁷, em 24 de maio de 2015, sobre o cuidado com a “casa comum”. Com este documento, aceito e elogiado pelo mundo todo, o Pontífice alarga a concepção a

7 Do italiano arcaico: “louvado sejas” [meu Senhor]. Expressão de São Francisco no seu famoso “Cântico das Criaturas”.



respeito do pobre, entendendo que a devastação do meio ambiente e suas consequências a nível local e global são causa de pobreza e fazem com que os mais pobres, os mais fracos sejam sempre os que pagam os maiores tributos e sofrem as piores violências.

De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta. [...] Por exemplo, o esgotamento das reservas ictícas prejudica especialmente as pessoas que vivem da pesca artesanal e não possuem qualquer maneira de a substituir, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais. (LS nº 48)

Observa-se que o Cristianismo e sua representação no interdiscurso bíblico, teológico e ambiental, sob a perspectiva da Eco(Teo)logia, passou a figurar na agenda de algumas igrejas, que passaram a compreender a sua responsabilidade com o propósito de se engajar em ações que possibilitem a satisfação das necessidades básicas da população; a solidariedade para as gerações futuras; a participação da população no processo de conscientização da necessidade de conservar o ambiente; a preservação de recursos naturais; a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas; e a efetivação de programas educacionais, atendendo às demandas das novas agendas do social (Limeira, 2016, p. 180-181).

3. UMA “IGREJA EM SAÍDA”: EVANGELIZAÇÃO

Na homilia de abertura de seu pontificado, o Papa Francisco convida os que uma vez já foram cristãos e se distanciaram: “Nós ouvimos muitas ofertas do mundo ao nosso redor; mas vamos aceitar a oferta de Deus: a sua é uma carícia de amor. Para Deus, não somos números, somos importantes, de fato nós somos a coisa mais importante para ele; mesmo se formos pecadores, nós somos o que está mais próximo de seu coração”.



Na sua primeira encíclica “solo”⁸, a *Evangelii Gaudium*, que é o documento que norteará o seu pontificado, como se tornou tradição na história dos pontificados, lembra que “a Igreja não é refúgio para gente triste”, “a alegria do evangelho é missionária” (EG 21).

E mais: “Os católicos devem anunciar sua fé em diálogo com todos, construindo ‘pontes’ em vez de ‘muros’...”, porque “os cristãos que têm medo de fazer ‘pontes’ e preferem construir ‘muros’, são cristãos que não estão seguros da sua própria fé, não estão seguros de Jesus Cristo...” A verdade é um encontro com Jesus Cristo e ninguém é seu dono, “pois o anúncio da verdade depende do Espírito Santo”.

Para os temerosos diz que “aqueles que não avançam para não errarem cometem um erro mais grave.” (PAPA FRANCISCO, 2013). Lembra ainda que “a inércia e o formalismo fecham a porta à salvação”. Enfaticamente afirma o que deseja: “Eu não quero uma Igreja tranquila, quero uma Igreja missionária”.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal destinado mais à evangelização do mundo atual do que à auto preservação. (EG n° 27)

Papa Francisco parafraseia o apóstolo Paulo: “Um coração missionário se faz fraco com os fracos, tudo para todos. Nunca se fecha, nunca opta pela rigidez auto defensiva” (EG n° 45). Porque o sentido da vida do cristão é Jesus Cristo mesmo, o encontro com ele, pessoa viva, que acontece na vida de cada um e urge ser anunciado para que o mundo conheça essa vida plena que Deus comunica.

A nossa esperança não é um conceito, nem um sentimento, mas é uma Pessoa, o Senhor Jesus, vivo e presente em nós e nos nossos irmãos. Portanto, dar razão da esperança não se faz em nível teórico, em palavras, mas, sobretudo, com o testemunho da vida, dentro e fora da comunidade cristã. (FRANCISCO, 2017)

No capítulo 20 da *Evangelii Gaudium*, apresenta o fundamento bíblico da missão: o “ide” de Jesus, que as primeiras comunidades tão bem compreenderam e registraram

⁸ Lumen Fidei é o nome da primeira encíclica de Francisco, em 20/06/2013, por ocasião do Ano da Fé proclamado por Bento XVI. Então, costuma-se dizer que esta primeira encíclica que não traz o programa do seu pontificado, como é costume, foi feita numa espécie de parceria com o Papa anterior.



nos evangelhos. No discurso às Pequenas Missionárias da Caridade, em sugere as características do missionário (Audiência 26-05-2017):

- é “uma pessoa audaciosa e criativa”. “O critério cômodo de se ‘fez sempre assim’, não vale nada”;
- é alguém que repensa “os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos de missão” porque “vivemos um tempo onde é necessário repensar tudo à luz do que nos pede o Espírito”;
- essa atitude exige “um olhar especial”, “um olhar de proximidade”; um “olhar de fé respeitosa e de plena compaixão”;
- o missionário tem uma “espiritualidade fundada em Cristo, sobre a Palavra de Deus, e a liturgia”.
- o missionário é “profeta da misericórdia, centralizado em Deus e sobre os crucificados deste mundo”.

A apresentação de uma Igreja em saída resgata a concepção da essência missionária da Igreja. Todo batizado é missionário, ou seja, é chamado a evangelizar, isto é, anunciar o amor de Deus no mundo de hoje, comprometido com o promover, o cuidar, o defender e o celebrar a vida. Essa missão precisa ser realizado a partir do encontro com Jesus Cristo, numa opção preferencial pelos pobres e pelos enfermos, para, dessa forma, contribuir na construção de uma sociedade mais solidária e justa.

Para exercer essa missão no mundo, a ação evangelizadora também da Igreja no Brasil deverá, baseado em Francisco, estar totalmente voltada para romper laços punitivos e ser mais acolhedora e com uma capacidade imensa de perdoar. Devido a condicionamentos históricos da evangelização dos povos no Brasil, não existia, até um passado bem próximo, a preocupação em se construir uma Igreja “em saída” para promover a fé fora dos templos, para se obter medidas políticas e sociais para melhorar a vida dos cidadãos, *ad intra* e *ad extra*⁹. Em outras palavras, não existia por

⁹ O Decreto conciliar *Ad Gentes* (07/12/1965) e a *Redemptoris Missio*, Carta Encíclica de João Paulo II proclamada em 07/12/1990, propõem que toda ação da Igreja é missionária e que ela se desenvolve: *ad intra* e *ad extra*, ou seja, para dentro e para fora dos limites geográficos da comunidade cristã.



parte da Igreja uma preocupação de uma Igreja impetuosamente missionária, uma Igreja sempre em missão.

4. CONCLUSÃO: O MODELO DAS RELAÇÕES TRINITÁRIAS COMO MODELO DAS RELAÇÕES NA IGREJA

Concluindo, podemos dizer da Eclesiologia de Francisco que: em primeiro lugar ele recupera os elementos contidos na *Lumen Gentium* e na *Gaudium et Spes*, documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), e que são muito evidentes no seu pensamento e, especialmente, nas suas ações.

Embora não faça referências abundantes e explícitas à Santíssima Trindade, paradigma da Eclesiologia e de toda a teologia pós-conciliar, o seu discurso e o seu agir pode ser compreendido dentro desta concepção, uma vez que toda a sua proposta eclesial está firmemente ancorada nos “movimentos” das relações intra-trinitárias: saída, acolhida, alegria na liberdade (BUROCCHI, 2011). Papa Francisco demonstra o amor pelo ser humano e pela natureza na *sequela Christi*¹⁰.

Ora, nós conhecemos a Trindade por causa da história do Filho. É Ele o revelador da Trindade. O filho é enviado por alguém. Jesus, nos Evangelhos, mostra-se como o Filho de um Pai. É o reino deste Pai que ele anuncia, como reino de amor e de justiça e com Ele mantém íntima relação durante toda a vida. Toda a sua ação se mostra impregnada do Espírito Santo. As cenas do batismo de Jesus e, posteriormente, a da Transfiguração são indicativas da Trindade. Assim, pois, na História do Filho, a Trindade apresenta os seguintes elementos: o Pai envia o Filho, através do Espírito; o Filho procede do Pai, na força do Espírito.

O Concílio Vaticano II propõe a Trindade como ícone da Igreja e Papa Francisco, ao recuperar a eclesiologia conciliar, recupera também esta figura. Elementos fortíssimos disso são: a “saída”, como provocação para uma Igreja missionária e voltada pra o outro; a pobreza, sinal inequívoco do seguimento de Cristo na atenção aos mais

10 Do latim: seguimento de Cristo.



necessitados e como forma de valorização do essencial, em respeito ao outro e à natureza; a alegria, sinal do advento do Reino entre aqueles que vivem a fraternidade.

REFERÊNCIAS

BOARETO, José Antonio. Laudato Si'. fundamentação teológica. **Cad. Fé e Cultura**, Campinas, v.2, n.1, p.5-12, jan./jun., 2017.

BUROCCHI, Aurea Marin. Deus Trindade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 522-537, abr./jun. 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium. Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. 23ª edição. Belo Horizonte: Paulinas, 2016.

DEES, Jared. **The Lumen Fidei (Light of Faith) Study Guide**. Notre Dame: Ave Maria Press, 2013.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Papa Francisco no Brasil. Alguns olhares. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, ano 7, n, 79, 2013.

LIMA, Luís Filipe Silvério; SILVA, Bianca Carolina Pereira Da. A presença do Novo Mundo na iconografia da morte e dos sonhos de São Francisco Xavier: a missão jesuítica e as partes e gentes do Império Português. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 53, p. 407-441, 2014.

LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins. Interrelações acerca da eco(teo)logia no século XXI. **Paralellus**, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p. 169-183.

O' MALLEY, John W. The Popes Who Quit. America: the jesuit review. February 13, 2013. Disponível em <: <https://www.americamagazine.org/media/podcasts/popese-who-quit>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho. Brasília, CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. Homilia do Papa Francisco. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html>. Acesso em: 11 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares. Vaticano**. Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em: 9 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco Laudato Si' Louvado seja. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paullus, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Misericordia et Misera**. São Paulo: Paullus, 2016.



PAPA FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família. Brasília: CNBB, 2016.

PAPA JOAO PAULO II. Carta Enciclica Redemptoris Mater. São Paulo: Loyola, 1987.

PAPA PAULO VI. Gaudium et spes. Sobre a Igreja no mundo de hoje. 17ª edição. Belo Horizonte: Paulinas, 2015.

PAPA PAULO VI. **Decreto Ad Gentes**. Vaticano. Libreria Editrice Vaticana.

Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SIMÕES, Paula Guimarães; FERREIRA, Juliana da Silva. Acontecimento, celebridade e carisma: uma análise da imagem pública do papa Francisco. Revista Comunicação Midiática, Vol. 10, No 1. Baurú, v.10, N.1, p. 70-83, 2015.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho. Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2016.

